

## **3**

### **Percurso da pesquisa**

Neste capítulo, pretendo apresentar o objetivo da pesquisa e o desenho da mesma. Procederei, numa primeira parte, à definição dos objetivos do estudo. Definirei o tipo de pesquisa e o instrumento utilizado para o trabalho em campo. Depois, apresentarei os critérios para a definição dos professores entrevistados.

#### **3.1**

##### **Objetivos da pesquisa**

###### **3.1.1**

###### **Objetivo central**

O objetivo desta pesquisa é buscar identificar o que faz com que os docentes investigados, a seu ver, mantenham-se exercendo a profissão com entusiasmo, com uma visão positiva sobre sua profissão, com abertura para atender às novas demandas sociais em relação ao ofício docente e comprometimento com o aprendizado dos alunos.

###### **3.1.2**

###### **Objetivos específicos**

A pesquisa pretende, através de depoimentos dos professores, identificar:

- como os professores se percebem em relação ao exercício da profissão;
- como foram se construindo professores;
- o que mudou e o que permaneceu em sua identidade docente, em seu fazer, em seus saberes e valores;

- como definem sua função na sociedade e o que entendem por ensino;
- o que contribui para a manutenção da vontade e entusiasmo em relação ao ofício..

### 3.2

#### Definindo o desenho da pesquisa

A estratégia, baseada em depoimentos dos professores, foi escolhida por permitir que os sujeitos possam falar sobre sua história de vida pessoal e profissional, dando mais espaço para a elaboração de cada um, ao contrário de surveys, em que os itens são pré-definidos pelo pesquisador, com respostas fechadas. O importante, aqui, era ouvir dos professores como percebem a si mesmos e à sua construção enquanto professores, o sentido que dão às suas experiências profissionais, a relação entre vida pessoal e profissional, enfim, buscar trazer à tona “a arena de significados” (SILVEIRA, 2007, p. 137) da atuação desses professores.

Escolhi trabalhar com depoimentos por melhor atenderem ao meu objetivo de estudo. Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1988), o depoimento difere da história de vida porque, no primeiro, o condutor é o pesquisador, é ele quem dirige a entrevista, buscando obter as informações de que precisa para sua pesquisa. Bolívar (2002), utiliza-se de Dominicé (1990, citado por Bolívar, 2002), para distinguir a diferença entre autobiografia e “biografia educativa”, que teria enfoque semelhante ao depoimento: conforme as questões levantadas pelo entrevistador, os professores reconstróem sua vida profissional, sendo que o que interessa é “o modo como – de acordo com as circunstâncias que lhes foi dado viver – eles construíram profissionalmente sua vida” (Bolívar, 2002, p. 182). Assim, os depoimentos permitem uma melhor adequação ao meu objeto de estudo do que os *surveys*, fechados demais, ou as histórias de vida, muito amplas. Além disso, conforme afirma Goodson (2000, p.69), é mais produtivo e menos ameaçador, quando se pesquisa o trabalho docente, fazê-lo dentro de uma perspectiva que o situa no contexto da vida profissional, daí a importância dos depoimentos dos professores. Goodson argumenta que é impossível separar a

prática docente da identidade do professor, o que ele é, seu ambiente sociocultural, seu estilo de vida, sua prática como professor, pois tudo isso tem impacto sobre seus modelos de ensino e prática docente. O mesmo ocorre com o ciclo de vida e de carreira em que se encontra, que devem ser situados no contexto da vida profissional do professor. O autor afirma que o estudo dos incidentes críticos e stress do professor devem ser estudados dentro da perspectiva da história de vida, relacionando-a com a história do seu tempo.

Fica registrado que o intuito dos depoimentos não é o de buscar verdades ou de encontrar uma “verdade íntima”, não revelada até o presente momento, mas “buscar [...] as ressonâncias das experiências culturais dos grupos profissionais [...]” (SILVEIRA, 2007, P. 137). Silveira apresenta a definição de entrevista como “uma reinvenção da personagem como autor coletivo” (idem, ib, p.137). Ouvindo os professores, procurei transformar o conteúdo de seus depoimentos em “dados”, que analisei à luz de teorias que são vistas como hipóteses, numa tentativa de refletir sobre o objeto (BRANDÃO, 2002). Segundo Schofield (2007), as pesquisas qualitativas não pretendem produzir resultados estandarizados, mas produzir uma descrição capaz de iluminar uma situação – e esse foi meu maior objetivo.

Também é importante o registro de que, após as transcrições das entrevistas, essas foram enviados aos professores para que eles as lessem e pudessem realizar alterações, caso desejassem. Em sua maioria, os professores fizeram pequenas alterações e muitos mantiveram contato comigo por e-mail, mandando convites para eventos em suas escolas e me dando um retorno sobre o momento da entrevista. No Anexo 3, incluí a entrevista, na íntegra, concedida pela professora Marina, para exemplificar a forma como conduzia o momento de entrevista e permitir maior clareza da riqueza do material que me foi concedido pelos depoentes.

Foi realizada uma entrevista piloto, com o objetivo de “testar” o roteiro. As poucas alterações feitas não foram significativas, tendo-se relacionado à ordem dos itens. O estudo piloto, por sua qualidade, foi incluído no total.

A elaboração do roteiro de entrevista semi-estruturado baseou-se na literatura da área, mencionada no Capítulo Primeiro e nos seguintes.

O roteiro tinha a tarefa de organizar o depoimento dos professores, levantando vários tópicos: como os professores percebem seu desenvolvimento profissional, quais os fatores que influenciaram sua formação, como se caracterizam enquanto professores, como se vinculam em relação ao exercício da profissão, o que colabora ou já colaborou para desenvolverem sentimentos positivos ou negativos em relação ao ofício, buscando identificar fatores objetivos e subjetivos da carreira e ainda se havia incidentes críticos que proporcionaram mudanças em sua direção. Considerar os incidentes críticos, segundo Bolívar (2002), pode servir para estruturar a trajetória de vida profissional em torno de “experiências significativas de aprendizagem que constituíram marcos em sua vida”, ou seja, pode servir para identificar aquelas pessoas, fatos, fases, contextos que, por força de sua experiência-chave, “determinaram rumos, decisões ou trajetórias em certas direções” (Bolívar, 2002, p. 190).

O roteiro, disponível no Anexo 1, centra-se, portanto, em três grandes eixos:

- Eixo 1 – identificação do entrevistado, seus dados pessoais, sua formação profissional, como se deu a opção pelo ofício docente, o contexto e período de formação e atuação e o tempo de docência.
- Eixo 2 – a percepção do professor de sua socialização profissional, o início da atuação docente (ESTEVE, 1999, 2005), a continuidade na carreira, a relação do professor com a profissão, seu sentimento de realização e vínculos com o ofício, a carreira objetiva, ou seja, como o professor evoluiu dentro da profissão em termos de cargos, funções (BOLÍVAR, 2002), episódios críticos e fatores motivadores ou desmotivadores.
- Eixo 3 – como o professor define sua profissão em relação à função social, como percebe o ensino, como se percebe como professor atualmente, em vários aspectos: na relação com alunos, professores, com o saber-fazer da profissão (HUBERMAN, 2000), com a instituição (CANÁRIO, 2005). Em sua identidade docente, o que mudou e permaneceu ao longo dos anos (NÓVOA, 2000) e sua relação com o sentimento que tem sobre continuar atuando. Saber como se sente em sua tarefa e se pretende continuar trabalhando.

Esse roteiro foi considerado como um guia flexível; sendo assim, busquei, inicialmente, trazer perguntas amplas, tais como: “Você se tornou professor, conte-me um pouco sobre essa história”. Como as entrevistas foram gravadas, com autorização de todos os entrevistados, pude arriscar essa flexibilidade, anotando algumas respostas, para não me perder nos tópicos que já havia abordado. Algumas respostas suscitaram perguntas e questões não pensadas previamente, de acordo com a experiência de cada entrevistado.

Alguns professores me trouxeram, no dia da entrevista, material produzido por eles, ou em que seu trabalho aparecia, para me mostrar e mesmo para me ceder. Uma das professoras entrevistadas me cedeu a gravação de programa de televisão educativa que apresentou um dia de seu cotidiano de trabalho e outro que divulgava os vencedores do Concurso Professor Nota 10, do qual foi a vencedora. Outros professores me cederam materiais produzidos com colegas e alunos: revistas científicas a cargo do Departamento no qual trabalham, material produzido em mostras com o IFCS, da UFRJ, trabalhos de alunos. Esse rico material foi um complemento à análise do trabalho dos professores, trazendo informações preciosas sobre o fazer docente, sua metodologia, objetivos, valores e relação interpessoal com colegas, outros profissionais e alunos.

Para facilitar a construção dos dados, foi utilizado programa de computador específico para análise de dados em pesquisa qualitativa. O programa me foi útil no momento inicial de análise, em que se está construindo e identificando categorias, pois permite agrupar ideias e conceitos, relacionando-os. As ferramentas do programa auxiliam a identificar recorrências, passagens que se relacionam, marca a quantidade de passagens relacionadas a uma categoria, tópico. Isso me auxiliou a “montar” a estrutura do trabalho. Uma vez isto feito, voltei a trabalhar com as entrevistas na íntegra, para melhor contextualização dos depoimentos, voltando ao programa quando precisava encontrar exemplos diversos sobre um mesmo assunto de falas dos professores.

### 3.3

#### Definido os sujeitos da pesquisa

Ao definir como sujeitos da pesquisa professores em estágio avançado de carreira, que se tenham mantido entusiasmados com seu ofício, abertos a novas aprendizagens e comprometidos com o aprendizado de seus alunos, já havia condicionado a seleção dos professores a uma intencionalidade.

Schofield (2007) defende um novo conceito para a generalização em pesquisa qualitativa. É útil tentar generalizar em três domínios: (a) o que é: pesquisar o típico, o comum; (b) o que pode ser: pesquisar como algo que está em mutação muito rápida pode vir a ser; (c) o que poderia ser: pesquisar o que está funcionando, sendo bem sucedido. Defino que minha pesquisa se situa neste último domínio: o que poderia ser, daí a opção em selecionar professores que se encaixassem nesse perfil. Schofield afirma ainda que, ao se pesquisar sobre o que “deveria ser”, devem-se selecionar locais (ou sujeitos) em que uma situação ideal ocorra e estudar o que se passa nessa situação. Selecionar um lugar considerado como ideal não trará uma generalização para lugares típicos, mas permite verificar o que ocorre em condições adequadas para gerar resultados positivos, e como e por que as coisas vão bem nesse local e quais são os problemas intratáveis lá. A questão que se coloca ao se selecionarem locais baseados em determinado ponto de vista é que se pode estar tão vinculado a esse ideal que isso interfere nos resultados da pesquisa. Schofield sugere a leitura de literatura relacionada a questões de validade interna como forma de evitar essas interferências. Reforça que a teoria deve ser encarada como o ponto de partida para a escolha do local, mas não como um fim em si, ou seja, de comprová-la. No meu caso, não cabia a escolha de uma escola específica, especial, mas de professores “especiais”, com características definidas, indicadoras de um tipo-ideal, segundo Weber. No meu caso, procurei por professores que atendessem a seguinte definição de Esteve (1999, p. 102):

há também professores felizes e eficientes. Homens e mulheres que se auto-realizam trabalhando no magistério, que souberam elaborar respostas efetivas e integradas ante o aumento de exigências e a enorme transformação a que se viu submetida a profissão docente.

A pesquisa em questão buscou, então, professores que, em final de carreira, às vezes já aposentados em um dos empregos, continuam trabalhando realizados, entusiasmados, com sentimento de satisfação na profissão. Como cheguei a esses professores? Perguntei a pessoas que conhecem bem o campo educacional, tal como membros do GEProf, da PUC, do qual participo, sobre professores com esse enquadre. O grupo me indicou uma professora, que fora do grupo, terminara o mestrado na PUC-RJ e que fora entrevistada pelo grupo para a pesquisa do GEProf. Essa professora tem reconhecimento de um importante concurso, o “Professor Nota Dez”, promovido pela Fundação Victor Civita. Essa professora tornou-se minha informante privilegiada, indicou-me outras duas professoras, que por sua vez, me indicaram outras. O GEProf indicou-me, também, outra professora. Uma pesquisadora da FIOCRUZ indicou-me uma professora conhecida sua, cujo engajamento, entusiasmo e bom trabalho foram confirmados por sua diretora e colegas. Assim, esses informantes privilegiados foram me indicando colegas.

Havia outros critérios de enquadre: (a) nível de ensino: a partir da 5<sup>a</sup>. série (ou atual 6<sup>o</sup>. ano) do Ensino Fundamental, até o Ensino Médio; (b) tipo de escola: preferencialmente, os docentes devem trabalhar em escolas públicas sem, entretanto, eliminar os que atuam em escolas particulares, devido, inclusive, ao menor percentual de docentes encontrados após determinada faixa etária atuando em escolas públicas (UNESCO, 2004). É relevante considerar que cerca de 82% dos docentes brasileiros atuam em escolas públicas (UNESCO, 2004); (c) estabelecer um equilíbrio entre os gêneros, já que, conforme a literatura consultada, há diferenças entre as carreiras docentes masculina e feminina (Bolívar, 2002; Huberman, 2000).

Quanto ao nível de ensino, a escolha pelo segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio se deu por vários motivos: (a) para atuar neste segmento, o professor optou por uma licenciatura, é o professor da “disciplina” específica; (b) esse professor, em etapa mais avançada da carreira, vem recebendo alunos de parcelas da população que, antes da democratização do ensino, quando muitos já atuavam como professores, não chegavam a estes níveis. Nesse caso, meu interesse é verificar se e como esse fator interfere no entusiasmo e no exercício da profissão; (c) minha atuação profissional se dá neste segmento da

escola de educação básica, campo que, portanto, melhor conheço e de onde surgiu, como relatei, minha questão de pesquisa. Daí meu interesse em verificar o que contribui para a manutenção do entusiasmo dos professores que atuam nesta área, na qual, inclusive, já atuo há anos como pedagoga.

Dados os limites de tempo para realização da pesquisa, pensei em torno de dez docentes entrevistados. Realizei onze entrevistas, mas descartei uma porque a professora passou um tempo significativo em funções docentes fora da sala de aula, o que descaracterizaria o perfil procurado.

Foi difícil encontrar professores que satisfizessem todos os critérios estabelecidos. Fiz questão de entrevistar docentes que atuassem em escolas públicas, um dos motivos da dificuldade. Como ouvi de muitos entrevistados, ao pensarem em colegas para me indicar, ou esses já estavam aposentados, ou estavam trabalhando, após aposentadoria na rede pública, em escolas particulares.

Também não consegui um equilíbrio entre gêneros, algo até esperado, uma vez que a maior parte dos docentes, em torno de 80%, também conforme a pesquisa de Tenti Fanfani (2007), é composta por mulheres, ainda que a pesquisa e o censo englobem professores de Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio, não discriminando o percentual por nível de atuação. A pesquisa da UNESCO (2004, p. 44) encontra um total de 81,3% mulheres e 18,6% homens. Encontrar mulheres com maior tempo de carreira também foi mais fácil, pois algumas delas fizeram curso Normal, começando a trabalhar com cerca de 18 anos.

Esta pesquisa também encontra uma diferença entre gêneros em relação à disciplina lecionada. O contato dos professores do segundo segmento do Ensino Fundamental e Médio, nas escolas, em geral é maior com colegas que lecionam a mesma disciplina, e isso afetou as indicações que me fizeram. Sara, minha primeira professora, de Ciências, indicou-me outras duas colegas da mesma disciplina, por exemplo. Entrevistei três professores de Ciências, dois de Geografia (ambos homens), uma de Português, três professoras de História e uma de Desenho Geométrico, sete mulheres, três homens.

A descrição completa do perfil dos professores entrevistados e do contexto de realização da entrevista encontra-se no Anexo II. Apresento a seguir um pequeno quadro de identificação dos professores:

Nome <sup>1</sup>	Formação	Função	Local	Tempo de exercício
Sara	Licenciatura em Ciências Biológicas, Especialização Especialização em Ensino de Ciências, Mestrado em Educação	Professora de Ciências, 6º a 9º anos	Duas escolas municipais, Tijuca e Estácio	31 anos
Marina	Curso Normal, Graduação em Arquivologia e História	Professora de História de 6º ao 9º ano	Escola Municipal no Estácio	35 anos
Maura	Curso Normal, graduação em História Natural, Pedagogia. Especialização em Ensino de Ciências	Professora de Ciências, 6º a 9º anos.	Escola Municipal na Tijuca	49 anos
Amanda	Curso Normal, graduação em História, Mestrado em Educação, cursando Doutorado em Educação	Professora de História, 6º a 9º anos	Escola Federal, Zona Norte	41 anos
Elisa	Curso Normal, graduação em História, Mestrado em Educação	Professora de História, 6º a 9º ano, coordenadora de série, participa da edição de revista de História.	Escola Federal, Zona Norte	40 anos
Zaira	Curso Normal, Licenciatura em Artes e Desenho, Pedagogia. Especialização em Composição de Interiores e Psicopedagogia	Professora de Desenho Geométrico, 8º e 9º anos.	Escola Federal, Zona Norte	46 anos
Lauro	Curso Técnico em Mecânica, graduado em Geografia, Especialização em Problemas do Desempenho Escolar.	Professor de Geografia, do 9º ano e Ensino Médio.	Escola Federal, e particular, Zona Norte	35 anos
André	Graduação e Especialização em Física	Professor de Laboratório de Física de Ensino Médio	Escola Federal, Zona Norte	33 anos
Viviane	Curso Normal Licenciatura em Letras (UFRJ), Especialização em Literatura Brasileira e Metodologia do Ensino Superior	Professora de Português, 8º e 9º anos	Escola Municipal, em São Cristóvão.	30 anos
Jonas	Curso Técnico (Contabilidade), graduado em Geografia, Especialização em Currículo.	Professor de Geografia, 9º ano e Ensino Médio, Coordenador de Ensino de 3ª série do Ensino Médio.	Escolas particulares da Zona Sul	40 anos

### 3.4

#### Considerações sobre o exercício do estranhamento

Outro fator a ser considerado foi considerar a influência de minha subjetividade na pesquisa. Foi fácil identificar-me com expressões utilizadas pelos

<sup>1</sup> Os nomes dos professores são fictícios, visando preservar sua identidade.

professores, com seus sentimentos. Precisei exercitar o estranhamento (DA MATTA, 1981) para buscar “ouvir” algumas expressões e relatos como algo desconhecido, buscando novos que era semelhante. Um exemplo claro foi a seguinte situação: uma professora me afirmou que se mantinha estudando porque “a escola emburrece”. Inicialmente, interpretei sua fala de acordo com minha vivência enquanto profissional que ocupa atualmente um cargo de coordenação e que se ressentia com a urgência dos impasses e a rotinização do ano letivo. Ao ouvir a gravação da entrevista, pude me perguntar sobre o sentido da afirmação e resolvi esclarecê-lo com a professora, ela se referia à importância da troca entre pares, de sair dos problemas do cotidiano.

Outra situação mais problemática foi lidar com o fato de que alguns professores sabiam que haviam sido selecionados (Jonas, Sara) porque eram considerados entusiasmados, comprometidos, competentes. Há sempre o risco de que o entrevistado fale o que considera que o entrevistador espera ouvir... Provavelmente, uma imersão no campo ajudaria a verificar se o que se diz é o que se faz, mas, no meu caso, queria ver qual a auto-imagem que esses professores têm de si, uma vez que eles já me haviam sido indicados previamente por ser quem eram, sua competência estava comprovada. Para os outros professores, ao me apresentar, expliquei que eles me foram indicados por colegas pelo trabalho que faziam e porque atendiam aos demais critérios da pesquisa, principalmente pelo longo tempo de prática docente.

Difícil, também, foi analisar friamente algumas situações e relatos que emocionavam, com os quais me identificava e que, por que não dizer, me mostraram facetas do “ser professor”, facetas impensáveis, ricas, vívidas, que me tornaram mais humilde, mais consciente de minhas próprias falhas e me desvelaram novos caminhos e possibilidades, alguns dos quais pretendo mostrar nesse trabalho, inclusive.